

5 DE JANEIRO DE 1889



# Os Nossos

## QUINTO ANNO



PARIS EXPOS



THOMAS BORDALLO PINHEIRO

Entremos com o pé direito e com a nossa melhor alegria, dando as boas festas aos nossos leitores.

R. 16



## Por ahí...



Prejuizo, ou o que quer que seja, o certo é que vem de velhas datas a credence popular de que, pelo decurso do anno fóra, todos nós havemos de fazer presistentemente a mesma coisa que houvermos feito ao alvorecer d'um anno novo.

Apostolo dedicado de todas as velharias—exceptuando apenas as que se relacionam com o bello sexo—eu tenho por esse prejuizo a mesma credence sincera e candida d'uma avósinha de provincia; e é assim que me encontro á mesa do trabalho, badalando com os leitores, antes do badalar da meia noite de 31 de dezembro, para que o despontar do Anno Bom, vindo topar-me a trabalhar, me garanta 365 dias de trabalho, que é como quem diz igual periodo de vigor, virtude e riqueza—se, em vez de um hymno inspirado, não são antes uma simples *santiga* os versos de Castilho:

«Trabalha, meus irmãos, que o trabalho,  
«E' riqueza, é virtude, é vigor.»



Meia noite!

1888 acaba de liquidar as suas contas ao balcão da Eternidade, como diria qualquer Prudhomme com estabelecimento de salchicharia.

Com a liquidação d'um anno coincide quasi sempre uma extensa fila de liquidações de outra ordem.

Ainda ha pouco, por exemplo, ao mesmo tempo que o cues do meu velho relógio abria a janella annunciando a chegada do novo anno, uma visinha d'aqui perto abria tambem a janella para apitar pedindo o socorro da policia—que por signal não a soccorreu.



Uma frase solta, que me chegou aos ouvidos, delatou-me o incidente:

—Foi o Antonio Bucha e o Jacintho Arremelgado que liquidaram as suas contas.

Outra liquidação, e á meia noite em ponto.

Não eram dois fadistas: eram dois calendarios.



Correndo a vista pela quarta pagina dos jornaes vemos fervilhar os annuncios dos estabelecimentos em liquidação; este para balanço, oquelle por seu dono não poder estar a testa, est'outro porque se muda, aquell'outro por liquidação forçada.

São estes ultimos os que teem a virtude de attrahir mais avantajada concorrência.

E' inexplicavel, mas o publico tem d'estas excentricidades.

No circo, por exemplo, um gymnasta dá um salto formidavel sobre a anca d'um cavallo que corre a todo o galope e fica de pé, muito direito, muito correto, evidenciado a maxima perfeição do seu trabalho: e o publico limita-se a festeja-lo com uns applausos mortos.

Mas em seguida esse mesmo artista emprega o *truc* de dar novo salto fingindo que se desequilibra, que está muito atomatado da sua vida, e bracejando e gritando simula afinal adquirir a equilibrio—que nunca lhe faltou: e os applausos estoiram entusiasticos de todos os cantos do circo!



E assim se consegue, com uma simulada imperfeição de trabalho, grangear o applauso que a perfeição completa jamais conquistaria!

Pois esta ratice do interesse publico em questão, de cabriolas, é extensiva até ás roupas brancas.

Em lhe cheirando a liquidação forçada, isto é, a estabelecimento que dá em pantana pela sua má administração, concorre lá de preferencia a qualquer outro estabelecimento bem administrado.

E por ahí se explica talvez como, nos mais altos cargos do estado, a sympathy publica está sempre na razão directa da má fama que se vá adquirindo...

✽

E agora reparo eu que, com o caso das liquidações, cheguei ás ultimas linhas do papel destinado para esta chronica, que afinal não foi chronica, roubando portanto o leitor que teve a pachorra de a ler.

Em summa: é mais uma liquidação para a conta...

*Por ahí...*

## Nos toiros

S. Bento abriu, pouco mais ou menos como S. Carlos, com uma indiferença no bocejar dos senhores assignantes; e uma companhia de sobejo pateada nos annos anteriores, para que alguém possa ter fé na voz das primeiras figuras. Ainda se ellas, ao serem reconduzidas d'epoca em epocha, mudassem de nome ou talhe de barba, como os *jongleurs* e mimicos do Colyseu, ou instituíssem familias novas, e estrangeirassem os alcunhas, e exhibissem costumes pittorescos, lá poderia o *dilettanti* fazer-se a illusão d'uma surpresa, tomando por inéditos, alguns d'esses reeditados descontentes, e sagrando reformadores, alguns d'aquelles tropegos reformados.

—Homem! dizia elle. Eu conheço esta voz basso profundo! A ajuizar pelo timbre, é do José Dias... mas o conhecido Ze Dias não é loiro, e em vez de cabelleira a Capoul, corta á escovinha, e usa sobrecasaca, em vez d'este golpeado gibão que lhe lobrigó...



Isto daria aos politicos azo, de mais uma vez escarnotearem a galeria, e á galeria ensejo de mais uma vez apreciar, no seu devido pé, as artimanhas e razzias dos politicos.

Entanto estes senhores não parecem dispostos a ensaiar um *truc* novo, uma pantomina em princípi mão—e não havendo batalha, como ainda ha quatro dias disse o *Dia*, é de suppór que tudo corra como o anno passado —o presidente do conselho a dizer que não sabe nada, o presidente da camara a fingir que percebeu



tudo, a maioria panurgeando empóz do carneiro chefe, a opposição partindo as mezas, e finalmente a opinião pública concluindo, entre indignada e galhofeira, pelo estribilho dos cautelheiros em vespera de loteria.

A abertura do parlamento teve, no dizer dos jornaes, a solemnidade habitual. S. M. abriu a sessão, dizendo que tudo marchava no paiz a rego cheio, e que lá fóra as potencias, não faziam senão gabar nos o criterio governativo, e a pujança scientifica e industrial.

Na ultima viagem, a rainha fóra alvo d'ovações interruptas, nos *ateliers* das modistas sobretudo, em cujas montras o publico de Paris admirou soberbos manequins de cauchouc, representando S. M. enrajada



Apparece o *Tempo* bonito. Está um tempo muito *ca-tita*. Desejamos que o *Tempo* dure muito tempo e sempre bom como agora.

### Conferencia do mandarim financeiro com o financeiro mandarão



O FINANCEIRO PORTUGUEZ: — A boa regra é: que o teu é meu e o meu é meu.

O INTERPRETE CHINEZ: — *Comme chez nous.*







com os maravilhosos *toilettes* por ella encomendados, e mirabolantes por forma, a toda a gente suppõe que Sarah Bernhardt ia crear na Porte de Saint-Martin, alguma nova peça de Sardou.

Sem revestir maiormente a magestade dos outros annos, a sessão inaugural do parlamento foi todavia assistida de muitas calveias oratorias, da maior respeitabilidade e illuminura — e commentou-se o novo modelo de casaca do sr. ministro da fazenda, ornado de guisos nas abas, a maneira dos *suetos* politicos que S. Ex.<sup>a</sup> agora dá no *Popular*.



A surpresa porem do discurso da corôa foi não ter elle consagrado sequer uma phrase á redacção do *Reporter*, quanto á sahida até hoje, de 7:500 dos seus bravos... redactores.

Porquanto ha nove mezes que d'aquelle grande armazem sahem caixeiros, e o armazem lá continua com as estantes cheias de fazenda, tanto monta dizer, com as columnas cheias d'original. Este facto devera ter merecido a attenção do ministerio, medeante alguma phrase entrelinhada no discurso inaugural, a qual fizesse oscillar a questão n'estes dois fulcros:

1.<sup>o</sup> — Que ou o *Reporter* é redigido por toda a gente, e n'este caso a sahida de dez redactores por mez, nenhuma falta faz nos effectivos da redacção.

2.<sup>o</sup> — Ou que a redacção do *Reporter*, é como os exercitos de theatro, composta de seis ratões que apenas sahidos por um bastidor, voltam por traz do panno, a entrar em scena pelo bastidor opposto.

A companhia parlamentar está por agora ainda muito desfalcada: só para os meados do mez admiraremos no riscadinho das suas camisas, e no azulado das suas



barbas, os senhores deputados provincianos, ultimo pittoresco a que é licito bater palmas, para uma boa péga d'eloquencia.

Porque são elles a voluptuosidade e o regalo da galeria — com os seus joanetes lustrosos sob as botifarras de cano á Callisto Eloy, com os seus defeitos de pronuncia, as suas comichões herpeticas traz da orchiva: e os seus discursos, requerimentos e gravatas cor de suspiro, alfinetadas por broches d'assumpto terno e pastoral.

Elles interessam, como marcanos; sobretudo, os debutantes. — Que á uma dizem asneiras com mais sinceridade — E á outra, simplorios, não caçam á pasta, com carabinas... irrevogaveis.

VALENTIM DEMONIO.

## Tropa n'uma dança



Talvez temendo na Europa  
A guerra que em breve estoira  
Os corpos da nossa tropa  
Andam n'uma dobadoira!

Corpo p'ra cá e p'ra lá,  
Corpo p'ra a Regoa, Cartaxo,  
Corpo p'ra ali, p'ra acolá,  
Corpo p'ra cima e p'ra baixo!

Vendo-os n'esta dança, então,  
A gente cuida imagina,  
Que os corpos da guarnição  
São corpos de bailarina!

E o povo — de Salvaterra  
Té á varzea de Collares —  
Diz que o ministro da guerra  
E' o Justino Soares!



## GENTE FINA



Um diplomata que chega com a maior elegancia. Sa-  
leroso!

## THEATRO DO GYMNASIO

Hoje, sabbado, festa artistica de Marcelino Franco



Do que ha mais chic,  
Do que ha mais fino  
Tem Marcelino  
Na festa sua:  
Sôbre a comedia  
A's onze e meia  
— E' casa cheia  
Até á rua!

# PELA LINGUA MORRE O PEIXE

## Historia alegre do meu capaxinho triste



Com tanto cabelo, puderam-me as borbulhas como um crosta.



Parece assistir á esplendida festa do Marquez, sem causar espanto, ao com um recurso capilar.



... Está optimo, ninguém dirá, até calá melhor, dizem os discubulados.



O peior são as cortezias. Tive de fazelas e muitas



aos chinas, que cheios d'espanto, repararam que eu tinha a cabeça ao contrario da d'elles, rubixo para diante.



Numa cortezia o classico salta e o capaxinho cario ao sorriso do busto de Lourenço de Mediceis na socca antigo.



que assim caracterizado fica parecido com o sr. Simões Carneiro.



Foi então que o gentil moço do Marquez, muito graciosam. me me. apresentou, em famosa bandeja de Germana (valor serio e bonita contos) o meu capaxinho preto.



Desejei pôr a bandeja na nuca e dar o capaxinho ao mordomo...

## THEATRO DE S. CARLOS

### Barbeiro de Sevilha



Do *Barbeiro*, de Rossini, o que a sr.<sup>a</sup> Van-Zandt cantou melhor foi o «Si vous n'avez rien à me dire», da baroneza de Rothchild.

## Na sessão d'abertura



A sentinella grita ás armas, julgando ver no embaixador chinês o general José Paulino com um novo fardamento. Elles são tantos!



# A ABERTURA DO PARLAMENTO

## OS TRABALHOS DE HERCULES

AO RECEBER O DISCURSO DA COROA  
 HERCULES-MAIORIA, EM QUEM A CORA-  
 QEM DO CAMBIO NAO EXCLUE A PRUDENCIA  
 DA SERPENTE, JUNTOUSE AO SEU AMIGO THE-  
 SEO-GOVERNO E PARTIU COM ELLE PA-  
 RA AS MARCEAS QUE BANHA O RIO DE J. BEM-  
 TO, SITIO ONDE ELLES DEVIAM ENCONTRAR  
 OS QUERREINHOS TERRIVIS



Gustavo Bordallo Pinheiro  
 imit.

Tencionamos continuar a publicação de estampas n'este genero, dando conta dos trabalhos do *Hercules Maioria*.